

# DE ESPORTE DAS ELITES AO ESPORTE POPULAR: A TRAJETÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

Eliazar João da Silva\*

**RESUMO:** Nos momentos iniciais do futebol em clubes oficiais no Brasil, apenas as camadas sociais mais abastadas o praticavam. Gradativamente, todavia, a lógica inicial de sua implantação foi se modificando, de modo que rapidamente o futebol passou a ser praticado por diferentes classes sociais e étnicas. Este processo não foi linear, ao contrário foi caracterizado por muitas tensões que valem ser debatidas. O artigo aborda as circunstâncias em que tal lógica foi construída.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Identidade; Urbanização.

**ABSTRACT:** In the early moments of soccer at Brazilian official soccer clubs, only the wealthier social classes practiced soccer. However, Gradually, the initial logic of its deployment was modified, so in that way soccer quickly became practiced by different social classes and ethnic groups. This process was not linear, on contrary, it was characterized by many tensions that are worthwhile being discussed. This article covers the circumstances under which such logic was built.

**KEYWORDS:** Soccer, Identity, Urbanization.

Um dos fenômenos mais marcantes na trajetória do futebol brasileiro diz respeito a meteórica aceitação deste esporte em nosso país. Cumpre realçar, entretanto, que no momento anterior à popularização do jogo, houve algumas situações que valem ser debatidas.

A Inglaterra ocupa lugar de destaque no processo de planejamento do futebol, uma vez que foi neste país que o esporte bretão se organizou da maneira como o entendemos nos dias de hoje; já na década de 1880, o futebol era prática esportiva corrente nos diversos estádios ingleses.<sup>1</sup>

Ao contrário do que muitos possam supor, a “paixão” do (e pelo) futebol não é uma realidade do jogo contemporâneo. Trata-se de um fenômeno existente nas partidas entre os times britânicos do século XIX, quando equipes rivais como Arsenal e Chelsea se enfrentavam.<sup>2</sup> O que é digno de nota porém, é que os operários sejam como jogadores, sejam como público, eram parte constitutiva dos grandes encontros futebolísticos daquela época. Tal situação levou o Historiador inglês Eric Hobsbawn afirmar que “o jogo de futebol era a religião leiga da classe operária”.<sup>3</sup>

\* Doutor em História. Professor do Curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. São Paulo: Revista da USP: Dossiê Futebol, nº 22, 1994. p.35.

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

<sup>3</sup> HOBBSBAWN, Eric. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 262.

A popularização do futebol não se restringiu à Inglaterra e aos países europeus. A sua propagação se deu também em países sul americanos com especial destaque para Argentina, Uruguai, e particularmente no Brasil. Nesse sentido há que se convir que tal esporte é um dos mais populares em todo mundo, desde o momento de sua implantação.

O futebol "association" vai-se tornando rapidamente, no mundo todo, o mais difundido ramo de esporte, havendo 28000 clubes devidamente registrados na Europa e alguns milhares mais nos países da América do Norte e do Sul. Uma prova do desenvolvimento que tem alcançado o referido jogo é fornecida pelas estatísticas ultimamente compiladas, as quais mostram que, na atual temporada esportiva europeia, serão disputados 280 jogos, pelos diferentes clubes filiados e diversas entidades. A Federação Internacional de Futebol "Association", como é conhecido esse jogo aqui, para se distinguir do "rugby" e do futebol americano, organizou várias estatísticas, demonstrando quanto esse esporte tem progredido nos últimos anos.<sup>4</sup>

Dois caminhos foram seguidos pelo futebol no Brasil. Um foi o dos trabalhadores – em geral imigrantes - das estradas de ferro. Outro caminho, ao contrário, foi o dos clubes ingleses liderados pelos dirigentes endinheirados que introduziram o futebol em meio às elites num período convencionalmente chamado de "Belle Èpoque", no qual o modo de comportamento era inspirado no modelo europeu (parisiense e londrino, principalmente).<sup>5</sup> Os esportes de modo geral, e o futebol de modo particular, fizeram parte dos "bons princípios e modos" que nossa sociedade elitista aspirava naquela época.

O início da prática dos esportes modernos no Brasil demonstra rupturas quanto ao exercício relacionado ao corpo. Até o final do século XIX, as atividades concernentes às atividades atléticas restringiam-se basicamente à caça, à pesca, à cavalgada e à natação.<sup>6</sup> Todas as atividades mencionadas faziam parte do universo agrário e rural, elementos bastante presentes em nossa sociedade desse período. Nesse sentido, o caráter lúdico-esportivo de práticas como o futebol ou o voleibol por exemplo, não pode ser entendido como similar às práticas de então, uma vez que estas são atividades próprias do universo urbano e industrial.

Exceção feita às cavalcadas, que trazem consigo um caráter semi-religioso e/ou semi-esportivo, a caça, a pesca e as navegações eram atividades relacionadas por vezes, aos esforços de trabalho para a própria manutenção da vida.<sup>7</sup> As festas hípicas, ao contrário, se apresentavam também como ocupação do tempo livre.

Dos setores sociais responsáveis pelo incentivo da prática de esportes, destacam-se três dentre eles, a saber: os vários jovens que haviam estudado na Europa, e que por ocasião de retornarem ao país, trouxeram consigo bolas e materiais indispensáveis para os jogos do esporte bretão. O próprio Charles Miller, considerado o precursor do futebol

<sup>4</sup> Jornal "OESP". A propaganda do futebol, 15-11-29. p. 11.

<sup>5</sup> SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 30-31.

<sup>6</sup> ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 75.

<sup>7</sup> ROSENFELD, Anatol. Op. cit.

no Brasil, assim procedeu. Num segundo momento destacam-se os militares, e por fim, os imigrantes que aqui aportaram, e que tal como os jovens estudantes recém-chegados da Europa, já tinham – em sua maioria – praticado os emergentes esportes modernos.<sup>8</sup>

Ao se radicar no Brasil, o esporte era praticado inicialmente sem qualquer tipo de organização. Somente se pode entender tal prática, a partir do surgimento de agremiações e da configuração de clubes que tinham como finalidade oferecer, proporcionar e planejar as mais variadas modalidades de atividades físicas. Nesse período de nascimento dos clubes, vários foram aqueles que se firmaram ao longo dos anos, e vieram conseqüentemente fazer parte das principais equipes por todo o curso do século XX.<sup>9</sup> Os novos clubes surgidos tinham como público predominante as pessoas afinadas às coisas importadas da Europa. Altos funcionários das empresas nacionais e estrangeiras, os mais distintos comerciantes, a aristocracia agrária, foram alguns dos segmentos sociais para os quais o esporte se destinava.<sup>10</sup>

Os jovens estudantes, porém, constituíram o principal segmento social a praticar o futebol nos grandes centros urbanos. O esporte foi adotado no final do século XIX por escolas europeias, que o entendiam como necessário para uma boa saúde. Nesse sentido, vale reproduzir comentários em um artigo do jornal “O Estado de S. Paulo” de julho de 1928:

O valor dos esportes nos tempos modernos está em que se reconheceu ser ele o meio ideal de preparação para a luta pela vida. E assim é, com efeito. Bastam atentar um pouco ao que se dá quando da iniciação de um inexperiente. Tomemos o futebol por exemplo. (...) O jogador novo não se incomoda com origem, estrutura, regra ou guia. Anima-o, dominando-o, uma grande paixão altamente individualizada, resumida no seu desejo de vencer, mostrando seu valor pessoal. Logo, porém, que as oportunidades aparecem não tarda a reconhecer que querer não é tudo. É preciso, ainda, saber. Pouco depois o principiante recebe sua segunda lição. Verifica que a vitória resulta não da simples ação individual e sim da combinação de esforços. Descobre, de tal modo, a importância do jogo de conjunto.(...)<sup>11</sup>

Observa-se que além do aspecto da manutenção de uma desejada boa saúde, o esporte apresentou-se também como agente motivador para a competição, e porque não dizer para o trabalho cotidiano. Ideia inclusive, bastante difundida em meio aos operários das fábricas.<sup>12</sup>

As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro – maiores cidades do Brasil no início do século XX- se assemelham em vários aspectos no momento de inserção do futebol em

<sup>8</sup> ROSENFELD, Anatol. Op. cit . p. 77-78.

<sup>9</sup> Um dos exemplos desse processo, é a equipe do Fluminense do Rio de Janeiro, uma vez que foi uma das primeiras a surgir no futebol praticado de maneira oficial, e permanece ainda hoje, como um dos clubes mais importantes do país, no que tange às conquistas alcançadas, e de número de torcedores.

<sup>10</sup> GORDON, César C. História social dos negros no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Revista do núcleo de sociologia do futebol/UERJ, nº 2, 1995. p. 78.

<sup>11</sup> Jornal “OESP”. O futebol como escola, 29-07-28. p. 8.

<sup>12</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). São Paulo: Paz e Terra, 1987. p.89-127.

suas sociedades. Tal como as escolas, clubes esportivos que eram financiados por empresas localizadas nestas duas cidades, foram importantes para a divulgação do futebol. Em São Paulo, a equipe que melhor se identificou com o momento de implantação deste esporte é o Clube Atlético Paulistano.

No caso do Rio de Janeiro, o Fluminense Futebol Clube, é quem obteve as primeiras atenções da comunidade esportiva carioca.<sup>13</sup> Tal equipe, em seus momentos iniciais, adotou uma postura radicalmente contrária à popularização do futebol, porém ao longo dos anos se constituiu como uma das principais agremiações do nosso futebol, exercendo inclusive importante papel na profissionalização do esporte bretão.<sup>14</sup>

O processo de implantação do futebol no Rio de Janeiro, está ligado ao Fluminense. O idealizador deste esporte na equipe carioca foi Oscar Cox. De maneira semelhante a Charles Miller em São Paulo, Cox recém chegado de Lausann, na Suíça, após temporada de estudos trouxe consigo a ideia de difundir o jogo de bola entre os “jovens finos”, que tal como ele, tinham origens aristocráticas, além evidentemente, de materiais indispensáveis à prática do futebol.<sup>15</sup>

Oscar Cox retornara da Europa no ano de 1897, portanto três anos após a introdução oficial do futebol em São Paulo. Após encontros futebolísticos que o jovem Cox organizou contra adversários também atentos e dispostos a absorver as novidades que dissessem respeito a Europa, nasceu o Fluminense Futebol Clube. Sua fundação se deu a 21 de julho de 1902.<sup>16</sup> É a mais antiga equipe – entre aqueles em atividade - que pratica o futebol de modo profissional, da cidade carioca. Ao lado de Cox, se somaram alguns jovens, todos eles, filhos das mais abastadas famílias do Rio de Janeiro.

A novidade do surgimento de um clube liderado por Oscar Cox despertou a atenção da elite carioca. Rapidamente o clube contava com um grande número de sócios, aumentando a cada vez mais seu potencial clubístico. Entre outros sócios, destacavam-se os irmãos Arnaldo, Carlos e Guilherme Guinle, filhos do “poderoso” Eduardo Guinle, descendente de franceses, que fez fortuna no Brasil na segunda metade do século XIX. O próprio Arnaldo Guinle, veio a ser mais tarde nas décadas de vinte e trinta, um dos homens mais fortes, enquanto dirigente esportivo, do Fluminense, e do próprio futebol brasileiro.<sup>17</sup>

Em todo o período “amador” do esporte bretão, isto é, até a década de trinta do século XX, o Fluminense, o Paulistano e vários outros clubes não menos importantes no cenário esportivo de outrora no país, mantiveram-se como agremiações restritas às famílias mais abastadas. As duas equipes em questão, contudo, sobressaíram-se em relação às demais, em função dos vários títulos conquistados. Foi na equipe carioca que

<sup>13</sup> MATOS, Cláudia. Cem anos de paixão: Uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 45.

<sup>14</sup> CALDAS, Waldenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990. p.67.

<sup>15</sup> FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 14.

<sup>16</sup> MATTOS, Cláudia. Op. Cit. p. 46.

<sup>17</sup> MATTOS, Cláudia. Op. Cit. p. 47.

apareceu um dos mais importantes jogadores do início do século XX: o “goal-keeper” Marcos Carneiro de Mendonça.

Num período denominado de “Belle Èpoque”, o Fluminense foi uma das equipes que melhor representou as tendências da época, uma vez que o clube mencionado se caracterizava pelo seu requinte, no qual as “melhores famílias” se encontravam a fim de se confraternizarem e discutir as novidades da Europa (Paris e Londres, principalmente). Com seus salões de festa, e os espaços destinados à assistência e/ou prática dos esportes saudáveis e civilizados, a “boa sociedade” podia desfrutar de tudo aquilo que era também oferecido aos europeus.

O jornalista Mário Filho em o “O negro no futebol brasileiro”, aborda com propriedade a questão do elitismo da prática esportiva. Neste seu livro de 1947 (reeditado em 1964), ele faz um interessante relato acerca da distinção social da qual se caracterizava o Fluminense Futebol Clube:

Para entrar no Fluminense o jogador tinha de viver a mesma vida de um Oscar Cox, de um Félix Frias, de um Horácio da Costa Santos, de um Waterman, de um Francis Walter, de um Etchegaray, todos homens feitos, chefes de firmas, empregados de categoria de grandes casas, filhos de papai rico, educados na Europa, habituados a gastar.(...) Quem não tivesse boa renda, boa mesada, bom ordenado, não aguentava o repuxo. Para se ter uma idéia: cada jogador que foi a São Paulo, no princípio do século, disputar uma partida de futebol, teve que entrar com cento e trinta mil réis para despesas de viagem.<sup>18</sup>

Situações como esta se aplicavam também a outros agremiações desportivas de outros centros urbanos do Brasil. Nesse sentido, em equipes como as de São Paulo, por exemplo, tal processo foi semelhante às da então capital da República.

A propagação do futebol em São Paulo contou com importantes clubes, a saber: o Mackenzie College (equipe constituída por alunos filhos das famílias aristocráticas, da escola de mesmo nome que o clube esportivo), o São Paulo Athletic Club, o São Paulo Railway, o Club Germânia e o Clube Atlético Paulistano. Este último clube veio a ser um dos principais times de São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX, ao lado do Corinthians e do Palestra Itália (hoje, Sociedade Esportiva Palmeiras). O Paulistano fechou suas portas à prática do futebol oficial no final da década de 1920, pelo fato de tal esporte profissionalizar.<sup>19</sup>

Dos imigrantes que tiveram papel importante na difusão do futebol em São Paulo, destacaram-se primeiramente os ingleses, e num segundo momento italianos e alemães. Três clubes se impuseram como forças do futebol paulistano em seu momento introdutório: o Germânia, o Palestra Itália, e o Corinthians, os quais contaram em suas diretorias, com descendentes respectivamente de alemães, italianos e ingleses. No caso do Germânia, por exemplo, seu fundador foi Hans Nobiling, um jovem hambur-

<sup>18</sup> FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964. p. 10.

<sup>19</sup> ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 83.

guês que veio para o Brasil em 1897.<sup>20</sup>

Na virada do século XIX para o XX, os “outros esportes” – assim denominados pelos cronistas esportivos da época – não tinham a mesma importância verificada no futebol. Alguns colunistas repudiavam o interesse quase que absoluto pelo esporte bretão, sob a justificativa de que tal prática não deveria sobrepor-se tão largamente em relação aos demais esportes. Tratava-se, na opinião desses comentaristas, de uma busca irracional e perigosa para os jovens filhos das famílias aristocráticas de São Paulo.

Tivéssemos nós buscado qualquer recompensa em troca do esforço que vimos desenvolvendo há muitos anos, e que tem sido intensificado neste último decênio, para que se cultivassem em São Paulo outros esportes além do futebol e nenhum outro prêmio melhor ou maior teríamos do que este, de verificarmos que a decadência do Association não significa, como poderia significar, a derrocada geral do nosso esporte (...) Assistimos, pois, a uma magnífica floração, que é quase uma frutificação, também, de modalidades da educação física que não podiam progredir nem desenvolver-se, devido à mania absorvente do futebol, que ainda há pouco dominava por completo a mentalidade esportiva.(...) Já hoje, felizmente, a nossa educação física não é só futebol. Ai dela se o fosse. (...) <sup>21</sup>

As pessoas e/ou instituições que reagiam contrariamente à acelerada prática do futebol, sob alegações as mais diversas e imagináveis não encontraram eco esperado. O processo de resistência ao emergente e avassalador gosto popular pelo futebol, contou com reações adversas em outros países, inclusive na Inglaterra, berço próprio das atividades futebolísticas e da confecção de suas regras.<sup>22</sup> Conforme já mencionado, os vários jogadores amadores surgiram nos inúmeros colégios grã-finos, “a juventude parece ter tido a intuição de que este esporte era o mais completo do ponto de vista educativo e psicodinâmico, e por isso recebeu-o de braços e corações abertos como se tivesse esperado por ele desde há muito tempo”.<sup>23</sup>

Vários clubes ligados a alguma atividade acadêmica surgiram nesse período. As faculdades do curso de direito, por exemplo, constituíram o universo de equipes voltadas para a prática do futebol. A propósito da comemoração do centenário dos cursos jurídicos no Brasil, foi realizado em 1927, uma partida envolvendo seleções de estudantes cariocas e paulistas:

Na próxima Quarta feira, dia 29, no campo da A.A das Palmeiras, na Ponte Grande, será realizado o festival esportivo promovido pelos acadêmicos paulistas e cariocas, em comemoração do centenário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil. Espera-se que os esforços dos dirigentes da Bandeira Esportiva Acadêmica, desta capital, e dos da Federação dos Estudantes do Rio de Janeiro, sejam premiados com inteiro sucesso, em tudo e por tudo merecido, pois os promotores da reunião esportiva não têm poupado esforços.<sup>24</sup>

<sup>20</sup>ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 77

<sup>21</sup> Jornal “OESP”. Os outros esportes, 28-03-28. p. 10.

<sup>22</sup>ROSENFELD, Anatol. Op. cit.

<sup>23</sup> AZEVEDO, Fernando de. A evolução dos Esportes no Brasil. Apud. ROSENFELD, Anatol. Op. Cit. p. 78.

<sup>24</sup> Jornal “OESP”. Bandeira Esportiva Acadêmica, 26-06-27. p. 8.

O súbito desejo de assistência e/ou prática do novo esporte, contagiou a sociedade cosmopolita paulistana, adequada ao modelo de comportamento europeu. É inegável a constatação de que, em grande medida, a fácil e rápida aceitação dos esportes, num período coincidente com o surgimento de novos centros urbanos, e de uma nova cultura popular urbana, corrobora com aquilo que os clubes esportivos ofereciam aos seus frequentadores e sócios.

Mencione-se que não era o futebol enquanto apenas jogo que ganhava a adesão das elites. As associações, através de seus dirigentes e atletas eram compostas por pessoas de sobrenomes ditos “tradicionais”, pelos estrangeiros endinheirados, e pelos recém-enriquecidos. Estas pessoas - via de regra - tinham condições políticas, econômicas e sociais para criar numa nova sociedade circunscrita no iminente universo urbano e industrial, iniciado neste período denominado de “Belle Èpoque”. Nesta perspectiva, os encontros futebolísticos funcionavam como verdadeiros encontros sociais. Tal ambiente era destinado às “boas famílias”; era requintado, e, sobretudo, a serviço das camadas sociais mais “distintas” do início do século XX.

O perfil social daqueles que acorriam para os jogos, revela essa cadência. As partidas se apresentavam sob a forma de uma condição normativa dos hábitos de rapazes e moças em seus finais de semana.

Acabava a missa, duas filas de rapazes na escada, de cima a baixo, esperando as moças. As moças vinham de chapéu, de vestidos claros, as saias cobrindo o tornozelo, deixando de fora só o sapato, a sombrinha aberta. O homem, metido na bola de papelão, parado, a barriga imensa, anunciando o jogo de logo mais. Era hoje: Fluminense e Botafogo. Os rapazes faziam sinais discretos, as moças acenavam sinais mais discretos ainda. Tudo combinado. De tarde havia jogo, os amiguinhos, os namorados se encontravam na arquibancadas do fluminense. Era essa gente que o fluminense e o Botafogo queriam.<sup>25</sup>

A presença feminina nos estádios chegou a despertar o interesse das moças que consideravam o esporte, como um meio no qual não só os homens poderiam desfrutar. A situação causou espanto em alguns, sem contudo ser suficiente ao ponto de haver o impedimento da prática esportiva em meio às mulheres.

Não há muito tempo, fundou-se nesta capital uma sociedade esportiva feminina, que pretendiam fazer com que suas associadas praticassem o esporte, em suas várias modalidades favoráveis ao sexo fraco. Agora, na “Gazeta Comercial”, de Juiz de Fora, em Minas Gerais, encontramos o seguinte comentário de um colaborador que se assina “P.G.”, falando sobre o esporte clube Feminino, daquela cidade mineira: “A perto de seis meses, como é do domínio público, foi reorganizado o E. C. Feminino, sociedade que já havia brilhado nos campos esportivos locais, em pugnas memoráveis, há anos atrás. (...)”<sup>26</sup>

<sup>25</sup> FILHO, Mário. Op. cit. p. 23.

<sup>26</sup> Jornal “OESP”. A mulher e os esportes, 17-03-29. p. 14.

Importante assinalar que tal como os homens, o esporte se apresentou como necessário a boa saúde das mulheres. Com um certo exagero, chegou a ser sublinhado como “libertador da mulher” em um artigo do jornal “O Estado de S. Paulo”: “Foram os esportes que realmente modernizaram a mulher. Antes deles a vida ao ar livre lhes estava praticamente vedada”.<sup>27</sup>

O direcionamento dos esportes às mulheres não foi gratuito. Ele trazia consigo a função de diversos valores sociais; nesse sentido, esta prática trouxe junto de si, uma série de símbolos que as pessoas atribuíam naquele momento de propagação das atividades esportivas.

Os operários e altos funcionários das empresas nacionais e estrangeiras, os imigrantes, os comerciantes, os estudantes dos colégios mais tradicionais, padres educadores dos melhores colégios, todos fizeram parte da difusão do futebol. Colégios “distintos” como Makenzie e o São Bento, tiveram um importante papel em campeonatos, que se fizeram realizar no início do século XX.

Por ocasião da excursão de algum clube do futebol europeu ao Brasil, havia um verdadeiro festejo pelas cidades visitadas. As equipes inglesas, alemãs, italianas, espanholas, francesas, entre outras, eram recebidas como se fossem embaixadas internacionais, fazendo com que houvessem comentários os mais auspiciosos pela imprensa da época:

Não nos temos cansado de noticiar a chegada ao Brasil, segunda-feira próxima, dos futebolistas italianos de Bologna F. C., da cidade de Bologna.(...) Pela notícia que demos em uma das nossas edições passadas, todos os esportistas que integram o quadro do Bologna F. C. pertencem às melhores camadas sociais da Itália, sendo uns engenheiros, outros funcionários bancários ou comerciantes.(...)<sup>28</sup>

Cumprido realçar que na própria terminologia utilizada nas partidas futebolísticas, se percebia o aspecto britânico do nosso futebol. Tal vocabulário era até 1920, totalmente voltado para a língua inglesa. Desta maneira, as jogadas realizadas durante o jogo, as posições dos atletas em campo, as expressões dirigidas ao “refere” (o árbitro), enfim, tudo aquilo que dissesse respeito a atividade esportiva, era mencionado em inglês. Esta situação – conforme já salientado – fazia parte mesmo das condições “impostas” por uma sociedade que se pretendia europeia.

Este vocabulário “estrangeiro”, entre outras coisas, veio caracterizar a aversão de alguns importantes escritores da época, entre os quais se destacam Lima Barreto e Graciliano Ramos. Ambos consideravam o futebol como um mal para a nossa juventude, na medida em que esta atividade não contribuía em nada para o engrandecimento intelectual dos jovens. Ao contrário, segundo estes autores, este esporte se prestava para a massificação e alienação social.<sup>29</sup> Opinião aliás, que foi compartilhada por outros segmentos sociais, e que por essa razão merecerá um estudo mais cuidadoso.

<sup>27</sup> Jornal “OESP”. O Esporte – libertador da mulher, 01-09-35. p.15

<sup>28</sup> Jornal “OESP”. O campeão italiano e sua breve estria no Brasil, 20-07-29. p. 10.

<sup>29</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. Contribuições ao estudo da crônica esportiva 1: “Contracrônica” esportiva de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Revista do núcleo de sociologia do futebol/UERJ, nº 3-4, 1996. p.45.



A prevalência da linguagem europeia permaneceu por algum tempo em nosso esporte. No final da década de 1910, é que houve uma mobilização no sentido de se “aportuguesar” o vocabulário esportivo. Nesta direção, os cronistas esportivos do jornal “o Estado de S. Paulo”, tiveram importante papel.

Foi muito bem acolhida a iniciativa da Associação de Cronistas Esportivos, resolvendo trabalhar afim de conseguir a nacionalização do vocabulário esportivo, que até agora tem sido uma algaravia de termos estrangeiros e expressões populares da gíria, com tendências cada vez mais acentuadas para piorar.<sup>30</sup>

Importante perceber que das palavras originadas do início da prática do futebol no Brasil, algumas delas sobreviveram ao tempo, e são pronunciadas até hoje no universo futebolístico como *córner*, *penalty*, ou *back* por exemplo. Não só nos jogos de futebol se verificava a terminologia “estrangeira”. Tal situação aplicava-se também em outros círculos sociais do início do século XX. A linguagem utilizada no esporte, dessa forma, era uma extensão daquilo que se circunscrevia em outros ambientes. Não se pode perder de vista, que a nossa sociedade elitista desse período, inspirada nos “valores” da Europa, havia também que se familiarizar com “o modo de falar” dos europeus.

Ao longo dos anos, o futebol foi perdendo sua pronúncia de enciclopédia europeia; seu sotaque passou a ser apropriado pelos mais diferentes setores sociais, chegando a ser vulgarizado nos locais onde vivem os considerados “marginais” da sociedade, como em favelas e em cortiços. Várias das suas transfigurações alcançaram proporções até inesperadas. Basta observarmos a sua incorporação nos espaços diversos, independentemente de qual seja ele.<sup>31</sup>

O fato é que as expressões ditas no esporte beiravam ao limite. As reclamações dos capitães (líderes do time) eram sob a forma de “come back forwards”, “mau ou you”, “take your mau”.<sup>32</sup> Os espectadores presentes nos estádios entendiam bem a língua britânica. Os jovens atletas usavam terno e gravata; as moças não dispensavam seus chapéus e flores, revelando a cadência estilística da época. Posteriormente aos confrontos, todos se reuniam nos salões dos clubes para festas e bailes.<sup>33</sup>

A mudança de alguns dos termos utilizados no futebol, todavia, ocasionou a possibilidade de todos os setores sociais (com algum envolvimento nos esportes) apresentarem uma homogeneidade nas expressões dirigidas ao futebol. Nesse sentido, a iniciativa dos colunistas esportivos do matutino “O Estado de S. Paulo”, obteve resultados (apesar de várias expressões permanecerem). A campanha promovida pelos cronistas deste e de outros veículos da imprensa atingiu outras proporções, ao ponto de ridicularizar os “estrangeirismos” do vocabulário esportivo.

<sup>30</sup> Jornal “OESP”. A nacionalização do vocabulário sportivo, 12-07-20. p. 5.

<sup>31</sup> Sobre a linguagem popular do futebol, existem alguns trabalhos importantes a respeito, entre os quais: “A linguagem popular do futebol” de José Maurício Capinussú. São Paulo: Ibrasa, 1988; e “A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol” de Luiz César Saraiva Feijó. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

<sup>32</sup> LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. São Paulo: Revista da USP: Dossiê Futebol, nº 22, 1994. p. 66.

<sup>33</sup> FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964. p. 42.

Numa louvável campanha de propaganda, a Confederação Brasileira de Desportos tem feito publicar largamente, na imprensa do Rio, os regulamentos e programas dos vários torneios esportivos que deverão realizar-se em setembro, sob o seu patrocínio, comemorando a passagem do Centenário. É lamentável, entretanto, ou um descuido censurabilíssimo ou uma ridícula e contraproducente preocupação de elegância, esses regulamentos e programas estejam inçados de estrangeirismos tão obscuros como dispensáveis. (...) <sup>34</sup>

Um dos atletas que melhor representou o elitismo do esporte no início do século XX, foi o goleiro do Fluminense Futebol Clube, Marcos Carneiro de Mendonça. Filho de família aristocrática, nasceu em Cataguases, cidade da zona da mata de Minas Gerais. Aos seis anos mudou-se para o Rio de Janeiro, em cuja cidade encontrou amigos de mesma condição social, e se entregou ao cosmopolitismo da então capital da República. Marcos de Mendonça, juntamente com seus novos amigos, procuravam estar sempre inteirados das últimas novidades trazidas da Europa, principalmente as do esporte. <sup>35</sup> O fascínio exercido pelo futebol sobre o jovem Marcos, não é de difícil dedução, uma vez que para este jogador e todos seus amigos endinheirados, o esporte contemplava os seus anseios, que eram o de compor uma sociedade refinada e requintada.

Este atleta tinha boa estatura, e dotado de grande percepção do posicionamento em campo que um bom “goalkeeper” deveria possuir. Além de considerável técnica e habilidade, existem outros fatores não menos importantes para se explicar a afeição que Marcos de Mendonça exercia sobre o público e imprensa especializada. Por ser um esporte de origem inglesa, era desejável que surgisse no futebol um jogador que reunisse um conjunto de “qualidades” que o goleiro possuía, a saber: filho de “família tradicional”; bom porte físico (lembrando o jogador britânico); e por fim, amplamente técnico e confiável sob as balizas. Desse modo, não é por acaso que tal atleta foi considerado o primeiro grande “goalkeeper” do futebol brasileiro. <sup>36</sup>

Em 1911, a Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, <sup>37</sup> enviou uma carta ao goleiro convidando-o a participar do time de “brasileiros” que enfrentaria um time de “ingleses”, que residiam no Brasil. A condição de existir nesta época a diferenciação entre time de brasileiros e time de ingleses, contribui para entender a razão pela qual Marcos de Mendonça deslumbrava a todos. Na opinião da imprensa, o goleiro da equipe “inglesa”, de nome Robson era considerado um bom defensor, mas incomparável ao “brasileiro” Marcos de Mendonça..

<sup>34</sup> Jornal “OESP”. A Terminologia Esportiva, 18-07-22. p. 4.

<sup>35</sup> PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Pelos Campos da Nação: Um Goal Keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. São Paulo: Revista de estudos históricos, v.10, nº 19, 1997. p. 24.

<sup>36</sup> Nos primeiros anos do futebol no Brasil, a linguagem do futebol era preponderantemente do idioma inglês. Desta feita, “goalkeeper” significa goleiro. Leonardo Miranda, em seu estudo já mencionado, explora amplamente a trajetória do goalkeeper Marcos de Mendonça, um dos primeiros grandes jogadores da história do nosso futebol.

<sup>37</sup> Entidade responsável pelos rumos do esporte carioca, em seu momento introdutório.

A condição de apresentar melhores recursos técnicos em relação ao jovem Inglês” é apenas mera circunstância, na medida em que, o que estava em ”jogo”, é o fato de Marcos ser brasileiro, além de ser melhor tecnicamente. Nesta direção, ostentou-se naquele momento, “os valores de nossa terra” – bem entendido, no âmbito esportivo -- em detrimento dos ingleses.<sup>38</sup> Os “sportman” brasileiros começam a se auto proclamar melhores que os ingleses, ao menos no futebol.

Ademais, o próprio estilo do jovem Marcos atuar nos jogos, chamava a atenção de todos, culminando com sua precoce consagração de primeiro grande goleiro do esporte bretão. O público presente nas partidas considerava-o extremamente elegante, inclusive pela forma como se vestia. Ao lado de seu “distinto uniforme” atlético, este jogador se apresentava de maneira muito calma, e, sobretudo, suas defesas eram por demais plásticas. Esta situação levou Ana Amélia, reconhecida poetiza da época, a dedicar seus versos a Marcos de Mendonça. O jogador símbolo do Fluminense chegou a ser comparado pela autora como um “Deus grego”, pelo seu refinamento.<sup>39</sup>

Em meio a tudo isso, Marcos de Mendonça conquistava a cada vez mais a plateia, que subitamente acorria aos estádios. É óbvio – deve-se alertar – que não só o goleiro, tampouco a equipe em que atuou (o Fluminense), carregaram sozinhos os motivos pelos quais houve um maior aumento de público nos jogos. Contudo, nos parece óbvio, também, que o jovem Marcos de Mendonça, pela sua própria condição social, e indiscutível qualidade técnica como jogador, contribuiu para a difusão e propagação do futebol em seu momento introdutório no país.

Tornando-se um dos símbolos deste esporte no início do século XX, Marcos de Mendonça representou a contento, a distinção proposta de juventude saudável que a prática esportiva poderia proporcionar aos rapazes. Desta maneira, esse atleta sentiu a projeção em torno de si, de “ídolo esportivo da Belle Époque do futebol”.<sup>40</sup> Não obstante todas as honras, glórias e notoriedade atribuídas a Marcos de Mendonça por meio do futebol, o goleiro em 1919, posteriormente ao primeiro grande triunfo do selecionado brasileiro num campeonato sul-americano, anunciou a sua despedida dos gramados, num momento em que Nicolau Sevensko chamou de grande “boom esportivo”.<sup>41</sup>

<sup>38</sup> PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Op. cit. p. 28-29.

<sup>39</sup> MATTOS, Cláudia. Cem anos de paixão: uma mitologia do futebol carioca. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 49.

<sup>40</sup> PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Op. cit. p. 38-39.

<sup>41</sup> SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desatinos. São Paulo: Revista da USP: Dossiê Futebol, nº 22, 1994. p. 33. O autor considera que a propagação do futebol no país, ganhou vulto no contexto das reformas dos grandes centros urbanos e da primeira guerra mundial. Segundo Sevcenko a “explosão” esportiva ocorrida em São Paulo se deu exatamente em 1919, período da conquista brasileira no campeonato sul americano de futebol.

## REFERÊNCIAS E FONTE

- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. Futebol de Fábrica em São Paulo. São Paulo: Dissertação de Mestrado/USP, 1992.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Os gênios da pelota. Um estudo do futebol como profissão. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado/UFRJ, 1980.
- AZEVEDO, Fernando de. A Evolução do Esporte no Brasil (1822-1922). São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- BERMAN, Marschall. Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- CALDAS, Valdenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894/1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- DECCA, Maria Auxiliadora de. Indústria, trabalho e cotidiano. São Paulo: Atual, 1991.
- FEIJÓ, Luís Saraiva. A linguagem de esportes de massa e a gíria do futebol. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- HERSCHMANN, Micael. Lanche de sorte: O futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- HOBSBAWN, Eric. Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo, 1915 a 1935.
- MATOS, Cláudia. Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAZZONI, Tomás. História do futebol no Brasil – 1894/1950. São Paulo: Olympicus, 1950.
- NEDDEL, Jeffrey. A belle époque tropical. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- PEREIRA, Leonardo Afonso de. *Pelos Campos da Nação: Um Goal Keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro*. São Paulo: Revista de estudos históricos, v.10, nº 19, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República. São Paulo: Brasiliense, 4.<sup>a</sup> ed. 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.